

FICHA CATALOGRÁFICA

FRONZA, Erica. *História Oral nos bairros (Rodeio)*, nº5. Entrevista realizada por Gabriel Dalmolin. Rodeio, 10 de junho de 2024.

FICHA ENTREVISTA

Entrevistado: Erica Fronza (E.F.)
Morador do bairro: Diamante (Rodeio)
Natural do bairro: Diamante (Rodeio)
Idade: 90 anos
Ocupação: Agricultora Aposentado
Data da entrevista: 10 de junho de 2024
Data da transcrição: 26 de junho de 2024
Nº da entrevista: 05
Entrevistador: Gabriel Dalmolin (G.D.)
Local da Entrevista: Residência de Dona Erica Fronza, bairro Diamante, Rodeio/SC
Transcrição: Luan Daniel Sehn



ENTREVISTA

G.D. - Então, boa tarde, dona Erica!

E.F. - Boa tarde!

G.D. - Obrigado por ceder o espaço, aceitar em fazer a entrevista, né...

E.F. - Mas foi com muito prazer que aceitei...

G.D. - Representando o bairro Diamante nesse projeto que a gente tá [sic] indo em todos os bairros fazendo entrevistas com a comunidade... A primeira pergunta é o seguinte: gostaria que a senhora falasse um pouquinho sobre a sua família, né... Quem eram os seus pais? Em quantos irmãos vocês eram, né? Onde vocês moravam?

E.F. - Sim, tá... Meus pais, Francisco Zermiani e a minha mãe era Anna Prade Zermiani. E eles trabalhavam, assim, em primeiro tempo, só na lavoura, né...

Eles tinham engenho de cana, eles fabricavam açúcar e o melado, e a roça, sabe? Tudo que tinham. E não tinham muita coisa para vender. E depois, mais tarde, então o meu pai colocou um armazenzinho... Como é que se dizia... Uma venda, né... Ele tinha de tudo lá pra vender, né? E pros [sic] domingos, assim, sempre vinha... Ele tinha uma cancha de bocha, né? E sempre o pessoal vinha jogar bocha lá o sábado e domingo, e ele tinha sempre uma cervejinha, uma cachacinha (risos) pros [sic] fregueses... E assim foi. Nós tínhamos sete irmãos, nós éramos, né? Primeiro tinha três mulheres, depois veio um rapaz, né? E depois mais três, né? Que seria eu, a Laura e a Dete, né? E foram casando... E estudava... Pode ser isso, né?

G.D. - Pode ir falando... (risos)

E.F. - E era assim, o negócio de aula... Nós távamos [sic] matriculados aqui no Diamante, tudo o pessoal lá da redondeza, porque tinha bastante gente na época, né?

G.D. - Aí vinha aqui dentro, né? Aqui dentro do Diamante?

E.F. - Sim, aqui no Diamante, aqui dentro, né... Que tinha as irmãs que davam aula. Mas depois quando foi inaugurado o Grupo Osvaldo Cruz, agora é Colégio Osvaldo Cruz, né? Na época era Grupo Escolar Osvaldo Cruz, né... Então nós tínhamos que voltar tudo pro Osvaldo Cruz, lá pro centro e de a pé [sic]. Eu estudei lá no Osvaldo Cruz sete anos e sempre de a pé [sic]... Até o quarto ano, o pessoal todo estudou, né? Era uma companhia, né? Ia todo mundo, né? Depois do quarto ano, então, surgiu o Grupo Escolar... Que nada! Não era... Ai, ai...

G.D. - Não, acho que era o Grupo, né? O Ginásio, eles diziam... O Ginásio, né?

E.F. - Sim, não era o mesmo... Era... Espera! Depois do quarto ano... Meu Deus, como me falhou essa palavra! Eu estudei mais dois anos, era o Curso

Complementar! Depois do quarto ano, né, a gente tinha dois anos de Curso Complementar. Então eu estudei esses dois anos.

G.D. - Mas era lá no Colégio, né?

E.F. - Sim! Era tarde, eu ia sozinha esses dois anos. E sempre vinha aquelas tropas de boi lá de Lages... Sempre pela estrada, né, sabe? Estrada batida... Não tinha como tem agora, né, que tem os caminhões que transporta os animais agora... E na frente sempre vinha um cavaleiro, na frente dos bois, né? Eu encontrava aquelas tropas de boi. Então eu perguntava lá pro primeiro que passava, pro cavaleiro: "tem boi bravo?", então eles disseram "não, não, não tem. Você fica aí do ladinho, né... Fica aí parada". Eu ficava lá parada e eles passava [sic], os bois... E passei medo, mas continuei até o segundo ano do primário complementar.

G.D. - E isso era no Osvaldo Cruz já?

E.F. - Sim, no Osvaldo Cruz.

G.D. - E era as irmãs também que davam...?

E.F. - Não, desde que foi inaugurado o Grupo Escolar não tinha irmãs lá. Era tudo professor de Florianópolis. Tudo complementaristas [sic] de Florianópolis. Tem a diretora também de lá, que era a Dona Senêmides, é o nome da diretora... Senêmides Duarte de Oliveira. E eu lembro alguns nomes, era Iracema Zomer... No quarto ano, já quando eu tava [sic] no quarto ano, já tinha o diretor, Doutor Aljor Withoeft, alemão, né? E depois, os últimos dois anos no Curso Primário Complementar tinha uma diretora, a Dona Nêmesis... Dona Nêmesis de Oliveira. Daí, depois vinha também... Depois que vieram as irmãs catequistas... Mas até lá era só professoras. Até que eu me formei de... Na época, porque eu me formei com 14 anos, né, se tivesse a idade já podia lecionar, mas de menor [sic] não, então eu nunca dei aula assim, mas só fiz aqueles 14, depois fiquei em casa.

G.D. - Era voltado a pedagogia daí, no caso?

E.F. - É, sim.

G.D. - E Magistério, que eles diz [sic], né? Pra dar aula?

E.F. - Sim, sim.

G.D. - E o Primário que foi feito aqui no Diamante... As aulas eram já em português ou em italiano?

E.F. - Ah, português...

G.D. - Português já?

E.F. - Aham.

G.D. - E essa época que estavas no Osvaldo Cruz já era anos 50?

E.F. - Os anos?

G.D. - É, que anos que era [sic]?

E.F. - Quando que acabou a guerra? Que ano que acabou a guerra?

G.D. - 45.

E.F. - 45!

G.D. - Nessa época ali?

E.F. - Mas então eu tava [sic] estudando ainda, 45... Eu lembro que quando veio a notícia que terminou a guerra. Então, primeiro tinha um canto, né, que estamos em guerra e é nosso dever lutar, né, do canto, né? E aquele dia que veio a notícia de que acabou a guerra, então disseram assim... A música dizia: "Acabou-se a guerra, é nosso dever cantar". Primeiro era "lutar", né? Mas foi na época da...

G.D. - Da guerra.

E.F. – Da guerra ainda.

G.D. – E na época da guerra, a senhora lembra alguma coisa assim... Porque era proibida falar italiano e alemão, né?

E.F. – Sim.

G.D. – Tem alguma coisa assim que lembras de pessoal ter que ser pego pela polícia?

E.F. – Não, sabe que eu até tava contando esses dias pra Lili, né... Uma noite, sempre, meu pai ia pegar um “fresco”, ele dizia, lá na frente da casa, que tinha uma escada, uma escadaria, ficava lá. E nós fomos lá, eu e a minha irmã, né, a Laura, então o pai disse assim, bem devagar: “cala a boca, não fala, *non ‘ste parlar, non ‘ste parlar*”¹, né, ele viu o policial, porque tinha aquela estrada e tinha sempre árvores, todo lado... Na verdade, tinha pasto, né? Ele viu que se esconderam lá pra escutar se a gente falava italiano.

G.D. – E tem algum caso assim que vocês ouviram falar do que acontecia com essas pessoas que eram pegadas?

E.F. – Olha, só o que eu escutei, uma prática dum [sic] padre, padre Ary Pintarelli, que até acho que eu tenho gravado, quando ele fez 50 anos, ele veio rezar missa aqui no centro, né? E ele fez o sermão falando sobre o padre Bruno, ele disse que prenderam o padre Bruno lá na prefeitura, lá no quarto da prefeitura. E quando chegou o prefeito, que era o Sílvio Scoz, então ele disse: “O quê que esse homem tá [sic] fazendo aqui?”, né, então eles disseram que foi a polícia que prendeu porque ele tava [sic] falando italiano. Ele mandou soltar na hora... Ele disse: “solta esse homem, que aqui quem manda sou eu!” (risos)

G.D. – (risos) Pior que eu tive na delegacia, né, procurando uns documentos, e lá tinha o registro de imigrantes e tinha o Frei Bruno com a

¹ Traduzindo para o português significa: “não fale, não fale”.

foto, que foi que fizeram o levantamento e talvez eles levaram até a delegacia, então foi nesse momento aí.

E.F. - Sim (risos), era assim mesmo!

G.D. - Mas o Mario Gadotti tinha falado alguma coisa, que inclusive foi uma das coisas que fez ele sair daqui, que ele saiu logo em 45... Que tinha a ver ali, porque ele falava muito em italiano com o pessoal, né?

E.F. - Sim, sim.

G.D. - Mas, é, ali sobre a família da senhora ainda, a senhora chegou a conhecer os avós que vieram da Itália?

E.F. - Sim, a minha vó paterna... A minha vó paterna veio da Itália.

G.D. - Como é que era o nome dela?

E.F. - Era Tereza... Ah, eu não sei o nome dela, sabe?

G.D. - O sobrenome, digo...

E.F. - Deve conhecer por Tereza Zermiani, né?

G.D. - Sim... E eles chegaram no Brasil, eles foram pra onde primeiro?

E.F. - Ah...

G.D. - Não sabes?

E.F. - Eu sei que meu pai, quando ele casou, ele morava no Pico... E foram morar no Pico... Até a Polda, a minha irmã mais velha, nasceu lá no Pico... Depois que vieram pra cá.

G.D. - Sim. Eu acho que primeiro eles pararam em Apiúna, depois vieram pro Pico, e depois vieram pra cá.

E.F. - Pode ser.

G.D. - Mas eles viveram no Pico, é... Tem os registros. E ela falava assim, lembra, tem alguma memória assim, de conversa com ela, ou se ela falava alguma coisa de como que era lá?

E.F. - Eu era ainda, é, sei lá, com 10, 11 anos... Mas ela... Também a gente não se interessava em perguntar, sabe, na época... Se fosse agora, as crianças de hoje, né? (risos) E eu nunca perguntei como que foi. Só que a minha sogra contava que os pais dela vieram da Itália de vapor, né? E morreu uma criança na viagem, né, porque demorava meses, né, para vir... Diz que jogaram no rio, um irmão dela.

G.D. - E a sua sogra era... Que sobrenome?

E.F. - Era Bonezzi...

G.D. - Ah, Bonezzi...

E.F. - Luiza Bonezzi. Irmão do Nonno, sabe? Do Luiz Bonezzi, já ouviu falar do Luiz Bonezzi?

G.D. - Sim, sim. E o Mario Bonezzi, que era professor?

E.F. - Sim, ele era filho do Luiz Bonezzi... Irmão do Orlando.

G.D. - Sim, que ele era... Foi professor. Tem até, acho, escola com o nome dele, né? Em Indaial...

E.F. - Sim...

G.D. - E sobre a infância? O que vocês faziam na infância pra passar o tempo? Trabalhava muito? (risos)

E.F. - (risos) A infância... O quê que era, né, no meu tempo... Só em casa, de certo, brincando de boneca e né... E dos meus filhos também tu quer saber?

G.D. - Pode ser (risos)

E.F. - Sim, deles sim (risos)... Até 14 [anos], só que estudaram até quarta série, depois foram pro colégio interno. E quando eles vinham pra casa, o brinquedo deles... Ele fizeram um negócio lá com quatro rodas, uma tába [sic], uma direção assim, que eles podia [sic] guiar, subiam em cima do pasto e se jogavam (risos), era isso a brincadeira deles, né? Se jogava fazendo aquelas pilota pra atirar com a funda.

G.D. - E eles estudaram no colégio dos salesianos?

E.F. - Não, quando era em Ituporanga...

G.D. - Dos franciscanos então?

E.F. - Sim, e o... Depois eles foram pra Agudos, o Laertes foi pra Agudos...

G.D. - São Paulo?

E.F. - São Paulo. E o Pópo foi pro Rio Grande, lá em Santa Rosa. Lá ele fez o curso de Filosofia... Filosofia?

G.D. - Isso, Filosofia.

E.F. - Esse estudou bastante no colégio, ficou quase padre (risos). E os outros, o Laertes até fez o noviciado e...

G.D. - Mas todos dos franciscanos ou teve um que...?

E.F. - Aham... Não! Salesiano! Esse de Ascurra... Depois ele foi com esses de Ascurra. Ah, se mudaram, mudavam.

G.D. - (risos) E de trabalho assim, de atividades que vocês tinham que fazer na infância assim, tinham que ajudar na roça?

E.F. - Como? Na roça?

G.D. - É, vocês tinham que trabalhar na roça na infância?

E.F. – Sim, quando eles vinham de férias também, era época do arroz, né, cortar o arroz... Tudo com ferro, né? A zerla² que nós dizíamos...

G.D. – Sei.

E.F. – E depois... Ah, no começo, até que... Antes que as criança [sic] eram pequenas, que não iam. Então a gente cortava, levava tudo no rancho, depois batia com os cavalos... Os cavalos iam ao redor, né?

G.D. – Pisoteavam, né?

E.F. – Sim. E depois tira toda aquela palha, e depois pegar o que com uma pá, e iam fazendo... Como é que se diz? Pra deixar o arroz limpo... Tirar toda aquela penugem. Tudo com uma pá, e jogando pra cá e pra lá, pra... É, era trabalho bem sacrificado. Não é como agora, que eles têm até ar-condicionado (risos)...

G.D. – (risos) As máquinas com ar-condicionado... E no comércio do seu pai, chegaram a... Vocês ajudaram em alguma coisa?

E.F. – Se ele aumentava o...

G.D. – Não, digamos assim, vocês chegaram a ajudar a trabalhar no mercado ou vocês já tinham casado, já tinham...?

E.F. – Não, enquanto que a gente tava [sic] em casa, ainda meu pai trabalhava na roça. Meu pai tinha o mercado, mas a mãe cuidava, né, eu também já cheguei a ficar... E não era como é agora, tu vai lá nas prateleiras, tu bota no carrinho, tudo pronto, não, lá tinha aqueles caixões, né, um tinha farinha, outro tinha ... de polenta, outro era trigo, outro era polvilho, outro era café... Tudo assim, e tudo pesava, né? Tudo...

G.D. – Tinha que pedir e daí eles pesavam... E o quê que tinha tudo assim, de produtos que vendiam?

² Traduzida para o português: foice pequena de mão.

E.F. - Que vendiam? Ah, coisa assim: fermento, tinha bolacha, tinha essas guloseimas... Tinha sim, tinha essas coisas sim.

G.D. - E sabes de onde assim da onde [sic] que eles compravam, se pegavam em Blumenau?

E.F. - Não lembro... Não lembro. Depois até tecido, até tecido a minha mãe tinha pra vender. Fez uma estante lá, tudo... E era assim, vendiam muito à fiado, e nem todos pagavam.

G.D. - É que se marcava muito pra época da safra, né, pra pagar, né?

E.F. - Mas tinha daqueles... Aqui já não quero que grave.

G.D. - E sobre o trem? Vocês chegaram a andar com o trem? Tinha estação em Ascurra, né, que era ali pertinho...

E.F. - Sim, a gente ia pegar o trem lá na estação, lá no outro lado, que nós dizíamos, né? E a Miranda, quando casou, ela foi morar em Rio do Sul. Então aí que a gente ia muito mais. E depois eu tinha as cunhadas lá em Rio do Sul. Tinha duas cunhadas, na época, e a gente ia de bem, bem bastante vezes, né?

G.D. - E como que era assim, a acomodação, estar no trem...?

E.F. - Ah, olha (risos).

G.D. - Tipo os bancos, era...

E.F. - Não, não. Era dois a dois, né? Dois bancos dum [sic] lado, dois bancos no outro. Banco de madeira assim, mas a gente dava graças a Deus que tinha, senão ia de a pé [sic] (risos).

G.D. - (risos) E fazia muito barulho assim, fumaça...?

E.F. - Ah, ele fazia! Meu Deus, fazia barulho sim! Que ele tinha os dormentes, né, aquela (imita os barulhos do trem), em cada que ele passava. Mas era gostoso, né?

G.D. - E tinha uma balsa aqui no Diamante, né?

E.F. - Sim.

G.D. - Essa aí, como é que funcionava? Onde é que ela ficava e como é que ela funcionava? Era mais pra produtos?

E.F. - Não, pra atravessar o rio era só de balsa. Não tinha essa ponte que tem agora aí do Beber, sabe? Era balsa ali.

G.D. - Mas tinha uma aqui no Diamante também, não tinha?

E.F. - Mas olha, eu nunca fui nessa. Disseram que tinha e que ia pro Ilse...

G.D. - Aham. É bem mais antiga então.

E.F. - Pra nós, nós íamos no dentista, nós atravessava [sic] à balsa. Nós ia [sic] lá em Ascurra...

G.D. - Ali onde que é o Beber, mais ou menos?

E.F. - Sim, a balsa sim, era ali.

G.D. - Não, só pra ter a informação, né... E quais assim, as atividades a senhora desempenhou assim, ao longo da vida assim... Foi mais na agricultura?

E.F. - Sim.

G.D. - E daí vocês plantavam arroz, plantavam o que mais assim?

E.F. - Era depois de casada, tu diz? Depois, né?

G.D. - Isso, é.

E.F. - Sim, sim. Nós plantava os arroz [sic], nós plantava milho de vassoura e milho...

G.D. - E vocês faziam a vassoura também?

E.F. - E a gente só vendia o arroz, vassoura, né, e taiá... E vendia até lá em Rio do Sul, o marido levava até lá na estação, né, e depois despachava no trem. Que o meu cunhado tinha uma verdureira, né, e comprava bastante taiá, tinha muita saída. E o arroz uma vez por ano, né, tudo era uma vez por ano, dinheirinho a gente ganhava uma vez por ano... Era assim. Só que a gente não era como agora que gasta no mercado muita coisa, né?

G.D. - Sim, quase tudo tinha em casa, né?

E.F. - Quase tinha tudo, a gente comprava o trigo, o café, o açúcar, né? Ovos a gente tinha, carne a gente tinha, né? Galinha e porco...

G.D. - E leite também vocês faziam para vender ou era só...?

E.F. - Leite também, queijo... (risos) Claro! Leite e queijo, né, que a gente fazia linguiça, tudo, né?

G.D. - E a senhora chegou a trabalhar com alguma outra coisa assim?

E.F. - Não, só depois na época que entrou o Hélio Fiamoncini, ele colocou um posto de saúde aqui no Diamante.

G.D. - Que era ali na escolinha?

E.F. - Ali na escolinha, sim. E eu trabalhei onze anos ali de enfermeira... Era, como é que é... Atendente de enfermagem, né? (risos) Era enfermeira... Dava injeção e curativos, e o médico vinha duas vezes por semana, né, era o Doutor Mauro...

G.D. - Mauro Ludwig...

E.F. - É, o velho... Como é que é?

G.D. - Ludwig!

E.F. - Sim, o Doutor Mauro Ludwig. Mas foi muito bom lá na época. E nós tínhamos clube de mães também, funcionava lá. A gente achava o nosso cantinho, à tarde quando o médico não tava [sic].

G.D. - E o que vocês faziam no clube de mães assim?

E.F. - Nós fazia [sic] de tudo (risos). Mais era crochê, né? Fazia aqueles tapetes de corda, fazia também os panos de louça, né? Eu pintava e o pessoal fazia o crochê, né?

G.D. - Uhum.

E.F. - A gente vendia e depois, com isso, a gente fazia todo ano uma festa assim, para os idosos, né? Toda pra tudo que a gente gastava lá dentro, depois o lucro ficava, assim, pro clube de mães, porque nós tirava [sic] tudo que a gente comprava, tudo nosso de dinheiro, do clube, né? E depois foram, né, saindo, foram morar fora alguém... Algumas morreram, a Dona Érica Zonta, a Vânia... E assim foi acabando o clube de mães. E o que ficou foi repartido, o que ficou de dinheiro, o que tinha lá, alguma coisa de pano, foi tudo repartido... Cada uma recebia parte igual.

G.D. - Sim. E como é que era antigamente aqui no Diamante? Era mais populoso, mais família?

E.F. - Mais... Mais... Mais divertido, meu Deus! E depois, não sei... Olha as fotos aí... Tinha até clube assim dos... Não, como é que se diz? Da juventude, sabe? Eles iam cantar na Igreja, eles faziam... Meu Deus! E agora é difícil ver um jovem na missa aqui no Diamante, né, mas na época...

G.D. - E digo também assim, tinha bem mais pessoas, moradores, na época também, né?

E.F. - Tinha, tinha... Tinha mais moradores, sim. Tinha bastante jovem aqui, né? Crianças... Não sei, foram todo mundo pra cidade.

G.D. – E sobre a comunidade aqui, a capela, né, de Santa Apolônia... Desde que idade assim a senhora ajudou na comunidade, nas festas... Fazer cuca, fazer...?

E.F. – Desde que eu casei, sempre trabalhei lá (risos). Sim, desde que eu casei, sempre trabalhei lá.

G.D. – E quantos anos tinha? Vinte?

E.F. – Eu casei com vinte anos... Vai fazer setenta anos de casada.

G.D. – E o que vocês fizeram tudo ao longo desses anos assim, de atividades ali na capela?

E.F. – Também... O quê que eu vou te dizer? Tinha um ranchinho... A Igreja é mesma, né? Mas lá pro lado lá da rua, da estrada, quero dizer, né? Lá tinha um ranchinho na primeira época. Lá tinha uma churrasqueira, não tinha geladeira, não tinha nada. As cervejas tomava quente como eram, botava o gradeado de cerveja no valo, né, que tinha água pra ficar fresca... Aham, verdade! E lá... E essa festinha... Mas era só o Diamante, só ali! Esse do Diamante. E... Só que tinha algumas casas, por exemplo, a nossa, a do meu pai... E que ia só. Era assim: nós fazia [sic] a Sagra, por isso que surgiu depois a La Sagra desde *stiàni*³, né?

G.D. – Sim.

E.F. – *Alora, feme la sagra*⁴. Nós convidava [sic] os amigos lá do Rio Morto, lá do Gávea... Lá perto da Cooper é Gávea, né?

G.D. – Isso.

E.F. – A do Gávea, de Ascurra e acho que do Pico. Então eles vinha [sic] tudo almoçar lá em casa, né. E quando era festa do Rio Morto, nós ia [sic] lá numa casa lá dum [sic] alemão, que era amigos, né? Nós ia [sic] lá. Quando era

³ Tradução para o português: antigamente.

⁴ Tradução para o português: “Então, fazíamos a sagra”.

Ascurra, que era lá naquele Delegado Manuel Geraldo, era amigo, né, do meu pai. Nós ia [sic] almoçar lá. Uma vez por ano, quando tinha festa lá de Santo Antônio, de Santo Ambrósio. Era assim.

G.D. - E fazia procissão também? Ou era só mais o almoço?

E.F. - Não... Era só a missa e... Mais o almoço, eu acho que todo mundo ia pras casas, na sua casa, né?

G.D. - Ah, sim.

E.F. - Só ficava lá, tomava uma cervejinha à tarde, né? Dançar também não tinha salão... Depois fizeram aquele salão. Era assim.

G.D. - E a... Antes que aqui tinha só a festa de Santa Apolônia, né?

E.F. - Sim, só.

G.D. - E como é que surgiu a festa de Frei Bruno também?

E.F. - Hum... Quem fez a estátua, essa estátua lá, foi o meu cunhado, o Tenente Fronza, né? E até ela foi colocada lá na escola, lá naquela partezinha entre as duas salas de sala, né? Eles fizeram lá um... Como é que eu vou te dizer lá?

G.D. - Um altar, tipo?

E.F. - É, pra botar o Frei Bruno lá. Depois que ele faleceu... Não, não. Depois tiraram de lá, botaram lá bem da frente daquela porta de sacristia lá, né? Fizeram uma capelinha lá, pequena... Botaram lá.

G.D. - Uhum.

E.F. - Depois, mais tarde, quando a gente já tava [sic]... Quem é que tava [sic] na diretoria? Não lembro o ano, né... Fizeram aquele oratório lá. E assim começou a ter fé em Frei Bruno e foi aumentando, aumentando... Agora...

G.D. - Tá aí pra ser santo agora... (risos)

E.F. - Sim (risos).

G.D. - E um jogo que é bem popular aqui no Diamante ainda, e que talvez não seja mais tão mais jogado em outros bairros, não seja tão comum, né, mas aqui e no Pico ainda tem bastante gente que joga, né, que é a briscola, né?

E.F. - Sim.

G.D. - Onde é que vocês aprenderam?

E.F. - Nós aprendemos porque meu pai tinha, que eu disse que o pai tinha aquela vendinha, né? E lá eles vinham jogar, quem não jogava bocha, jogava baralho, esqueci de comentar... Jogava essa briscola, depois tinha mais um jogo. Eu tinha aprendido aquele também, mas agora eu não lembro. Quando eu jogava em três, então é conhecido por *tresét*.

G.D. - Em três pessoas ou era três casas...?

E.F. - Três pessoas! Então três pessoas era o tressette, cada um jogava pra si. E jogava com quatro, então era o quatrilha. O tercilha e o quatrilha, né? E eu aprendi, só que agora não me lembro mais. Só lembro da briscola.

G.D. - E tem o cinquilha também, né?

E.F. - Ah, sim! Isso.

G.D. - Que tem cinco... É tudo por causa do número de pessoas.

E.F. - Sim, o cinquilha, é isso sim. Lá eles jogavam bastante.

G.D. - E a briscola, como é que é assim a ideia, assim, do jogo? A regra?

E.F. - Mas sabe, como nós jogamos agora, né? Acho que era... Eu nem sei, mas jogavam as moedinhas também, né? Quem perdia também... Mas pra eles tinha valor, né? Na época...

G.D. - E tem alguma história assim, curiosa ou engraçada, aqui do Diamante, assim, das pessoas, do quê que acontecia, assim... Anedotas? (risos)

E.F. - Ah, meu Deus (risos). Eu não lembro. O quê que é...? Assim, que os arteiros eram os filhos do Mario Gadotti. Ele já falou né, dos filhos dele que eram arteiros, né?

G.D. - (risos) Alguma coisa... Ele falou mais das dele.

E.F. - (risos) Ah, ele também falou, mas os filhos também eram arteiros então. Eles aprontavam cada uma, os filhos do Mario! Eles chegava [sic] a botar... Botar uma toucha [sic] de... Depois com fogo no rabo do cavalo. E depois o cavalo... Perna pra que te quero, né!

G.D. - (risos) E aqui da família Fronza tem mais alguma história assim, que vocês ficaram sabendo assim, depois que se casasse assim, sobre como que era a vida deles aqui, sobre aqueles que vieram da Itália mesmo? Que o avô que veio da Itália era o Germano Fronza, né?

E.F. - Não sei, agora aquele do Bonezzi que eu sei. Eu não sei dos Fronza, isso eu não sei.

G.D. - E dos Bonezzi, quem que era?

E.F. - Sim, que eram da minha sogra... Os pais da minha sogra, que vieram da Itália, né?

G.D. - Isso.

E.F. - Eu falei, acho que eu já falei aqui, né? Que da Itália até diz que morreu um filho deles.

G.D. - E os Bonezzi ficavam, moravam onde? Ali onde que tem...?

E.F. - Sim, ali onde tem o Warnow.

G.D. - A subida da picada? O Warnow ali?

E.F. - Ali sempre foi a casa deles.

G.D. - Ah, eu acho que é mais ou menos isso, não sei se tem alguma coisa que queres complementar... E as famílias que viviam aqui, assim? Quais eram os sobrenomes que moravam aqui dentro? Se tinha algum que hoje não tem mais, assim...?

E.F. - Que morava aqui?

G.D. - Isso.

E.F. - Mas quando eu vim morar aqui, quando eu casei, só tinha uma irmã dele e a mãe dele, do meu marido, né? Os outros já tavam [sic] tudo casado, né?

G.D. - Mas digo aqui no bairro, né? Quais que eram as famílias que viviam?

E.F. - Olha, só tinha Gadotti e Beber aqui (risos). Fronza, Gadotti e Beber.

G.D. - E daí na...?

E.F. - É, que tinha Franz lá, o pai da... O avô do Fernando Franz, né? Só ele de alemão, né, o resto tudo italiano.

G.D. - E daí na, onde que hoje é a BR, que também, né, pertencia ao Diamante, daí tinha quais famílias, assim? Que era onde vocês moravam, né, antes?

E.F. - Sim, na época... Bem, bem, na... Como é que tu entende assim?

G.D. - Quando que a senhora era nova assim, né? Quais eram as famílias que tinham...?

E.F. - Sim, famílias sim.

G.D. - Quando morava ainda lá, né?

E.F. - Sim. Ah, tinha Pasqualini, né, tinha daquele Ezequielle...

G.D. - Felippi?

E.F. - Sim, que é aqueles que eram... Muito ruim, sabe? Ô! Tinha o Ezequiel, depois tinha uma família que morava bem pra dentro do mato. Bem pobre, pobre, pobre... O tal do Mateuzinho, né? Que também, não sei de quantos filhos que tinha. Aí esses também estudavam comigo, né, no Osvaldo Cruz. Depois tinha, outro era Filipe... Catarina Felippi. Tu conheceu o Noldo Felippi? O noldo? Que agora...

G.D. - Acho que era tudo primo do Noldo, né?

E.F. - Porque Noldo, ele é parente aí do João, do teu...

G.D. - É, porque a Catarina era irmã, né?

E.F. - Sim, sim!

G.D. - Eles eram tudo primo do Noldo, né?

E.F. - Sim, tudo primo lá! Tudo primo de vocês. E depois só tinha os Prada, né? Os pais do Nilo Prada. E depois, nós, os Zermiani. E lá pra baixo, o quê que tinha ainda? Ah, tinha a Carolina, sabe também? Parente, né (risos)... Ah, não... Não, ela casou com um Fronza... O Aldo... Felicio Fronza, tu conhece o Felicio Fronza, aí de Rodeio? O pai do Aldo?

G.D. - Sim, sim.

E.F. - Pois é, eles moravam lá no Diamante também. Lá no que agora seria a BR, né?

G.D. - Sim, sim. É, eles era [sic] vizinhos ali nossos, né?

E.F. - Sim.

G.D. - Que era tudo a mesma família, né?

E.F. - Uhum.

G.D. - É, eles era... [sic] Que o pai deles, avô, não sei, era irmão do João, né?

E.F. - Uhum.

G.D. - Que morreu de acidente de cavalo, né?

E.F. - Sim.

G.D. - Semir... Não lembro agora o nome do... É... Não, o Aldo era o filho, né?

E.F. - Sim, o Aldo era filho dessa minha tia Carolina.

G.D. - Isso, ele era casado com uma Vendrami [sic]... Com uma Zermiani, era...

E.F. - Sim, que ela era irmã do meu pai.

G.D. - Como é que era o nome dele? Agora me fugiu...

E.F. - Fornato... Fortunato!

G.D. - Fortunato, é! Era o mais velho dos homens, né?

E.F. - Sim, sim. Aquela era, ela era irmã do meu pai...

G.D. - Não, acho que é mais ou menos isso então, né? A gente agradece então, da entrevista, a gente vê as fotos também, né... (risos)

E.F. - (risos) Tem uma que eu acho que te interessa...

G.D. - Mas seria isso então da entrevista, né, muito obrigado!

E.F. - Hã? O quê?

G.D. - A gente vai encerrar então a entrevista, né. Então muito obrigado, né, pelo espaço, né, pelo tempo...

E.F. - Não, por nada, foi um prazer te atender e se precisar, volte sempre!
(risos)

G.D. - Sim (risos), obrigado!